



**PRIMEIRO
MINISTRO**

**NOTAS DE SUA EXCELÊNCIA O PRIMEIRO-MINISTRO DA REPÚBLICA
DEMOCRÁTICA DE TIMOR-LESTE,
DR. RUI MARIA DE ARAÚJO,
NO CONSELHO ATLÂNTICO**

**Washington DC
21 de junho de 2016**



Palácio do Governo,
Avenida Presidente Nicolau Lobato,
Dili, Timor-Leste

Obrigado por esta apresentação gentil e generosa e obrigado a todos vós por estas boas-vindas calorosas a Washington, D.C.

É uma longa viagem entre Díli, a capital da minha nação, e a vossa capital. Foi-me dito que o Presidente Kennedy descreveu certa vez Washington, DC como uma cidade “com a eficiência do sul e o charme do norte”. Posso garantir-vos que fui recebido da forma mais calorosa e generosa, o que só veio reforçar o afeto que o povo timorense sente pelos Estados Unidos.

Como é claro, os nossos laços não são muito diferentes daqueles que diversos países têm com os Estados Unidos: um sentimento de ligação, forjado não só por interesses comuns como também por valores comuns.

É esta a essência que esteve na base da criação do Conselho Atlântico no exato ano em que o Presidente Kennedy tomou posse como Presidente. Foi um ponto marcante na história, com tantos países do Ocidente e do Leste a escolherem as suas ideologias.

Volvidos 55 anos, o Conselho Atlântico continua a possibilitar discussões ponderadas num mundo diferente – não um mundo de Guerra Fria onde a escolha é entre duas ideologias, mas sim um mundo onde cada vez mais as linhas divisórias e as escolhas são entre Estados bem-sucedidos e Estados falhados; a estabilidade e o caos; e o primado do direito contra o primado da força.

Estou aqui em representação de um país jovem, uma democracia jovem que quer deixar de ser um Estado frágil e passar a ser um Estado bem-sucedido, um país que quer estabilidade e não volatilidade, um país que acredita no estado de direito e na promessa da arquitetura assente em regras, uma vez que foi assim que restaurámos a nossa independência e a nossa soberania.

É fácil esquecer, porém sei que muitos de vós se lembram: há catorze anos Timor-Leste era a nação soberana mais jovem do mundo, nascida após um quarto de século sangrento de ocupação e de resistência determinada.

Por coincidência, isso passou-se numa altura em que muitos questionavam a relevância de instituições internacionais num mundo pós-Guerra Fria. Porém, pessoas como Brent Scowcroft sabiam que essas instituições eram indispensáveis e que podiam ser modernizadas para uma nova era, sendo que a independência de Timor veio demonstrar que soluções para problemas aparentemente intratáveis estavam ao alcance do mundo.

Presidentes e Primeiros-Ministros sentiram orgulho por uma força das Nações Unidas ter ajudado a parar as mortes e ter ajudado a fazer o parto da nossa transição da ocupação para a independência. O Secretário-Geral das Nações Unidas, Kofi Annan, afirmou que “Nunca antes o mundo se tinha unido de forma tão determinada para ajudar uma pequena nação a estabelecer-se.” Porém houve outras palavras do Secretário-Geral que tiveram ainda mais impacto em nós: “a independência não significará o fim do empenho do mundo para convosco.”

Estou aqui em Washington porque, na paz como outrora na guerra, nos viramos uma vez mais para a comunidade das nações a fim de concluirmos a nossa longa jornada rumo à independência.

O que precisamos da comunidade das nações hoje é também aquilo que podemos oferecer ao mundo: uma prova renovada de que, embora muitos questionem a eficácia da ordem internacional, a arquitetura assente em regras continua a possibilitar justiça, autossuficiência e soberania.

Teremos a oportunidade de discutir todas estas questões esta noite, incluindo os nossos esforços ao abrigo da Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar para finalmente estabelecermos fronteiras marítimas permanentes, dado que mesmo com a independência as nossas fronteiras marítimas continuam por definir e esta incerteza é bastante prejudicial para os nossos setores das pescas, imigração, turismo e recursos.

Timor-Leste pode uma vez mais demonstrar ao mundo que a ordem assente em regras consegue gerar justiça e liberdade. Na verdade, se não conseguirmos justiça no Mar de Timor teremos por certo muitas dificuldades para resolver os desafios muito mais complexos que existem na nossa região, incluindo no que diz respeito ao Mar da China Meridional.

Mais do que isso, espero que juntos possamos novamente provar algo ao mundo. Conseguimos restaurar a nossa independência porque o sistema internacional funcionou para um país novo e minúsculo. Vejamos o mundo hoje – Sudão do Sul, Líbia, Síria... muitas pessoas perguntam se os sistemas ainda funcionam. Perguntam se é possível criar ordem a partir do caos. Perguntam se a comunidade das nações só é útil no início das coisas.

Em Timor podemos provar que a atenção do mundo é mais duradoura do que isso – que a arquitetura internacional ainda é capaz de obter resultados.

É essa a garantia que espero poder levar comigo de volta para Díli. Irei regressar a um país orgulhoso, dotado de um plano de desenvolvimento económico a vinte anos – a Secretária Clinton chamou-nos “um modelo de desenvolvimento liderado pelo país” –, mas onde as pessoas têm consciência de que se não pudermos contar com os direitos soberanos sobre os nossos próprios mares não conseguiremos estar à altura do nosso imenso desafio em termos de desenvolvimento.

Mais de 60% da nossa população têm menos de 25 anos e precisam de alimentos, educação, cuidados de saúde e empregos. Precisamos ser capazes de responder a este desafio para podermos fazer a transição da fragilidade para a resiliência e estabilidade.

Precisamos responder a este desafio com a vossa ajuda. Numa altura em que estamos a poucas semanas do 240.º aniversário da vossa independência, somos todos recordados de que a independência não acontece por si só; é construída por muitas mãos. Não são as eleições que constroem democracias, mas sim o trabalho duro. Assim, ao virarmo-nos uma vez mais para a comunidade das nações e para os nossos amigos aqui no Conselho

Atlântico, pedimos a vossa ajuda para cumprir a promessa de que a nossa independência constituiu o início – e não o fim – do empenho do mundo.

Muito obrigado.

21 de junho de 2016
Dr. Rui Maria de Araújo